

Eixo temático: Teorias e Práticas Pedagógicas.

Categoria pesquisa concluída ou com resultados parciais: pesquisa concluída.

A CONSTRUÇÃO DE BRINQUEDOS ECOLÓGICOS: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

COSTA, Yngrid Karolline Mendonça

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – campus de Marília, CAPES.

GARCIA, Daniela Nogueira de Moraes.

Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – campus de Marília.

E-mail para contato: yngrid.karolline@unesp.br

Resumo: O presente texto é resultado de uma pesquisa pessoal enquanto professora de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental no ano de 2021. A escola do município em que atuo, possui uma parceria com o SEBRAE, chamada Jovens Empreendedores, e tem o objetivo de fazer as crianças terem atitudes empreendedoras. Tendo em vista as novas discussões acerca das metodologias ativas e da criança como centro do processo de ensino e aprendizagem, relatamos que, nesta experiência, mesmo com todas as medidas sanitárias que ainda tínhamos para a não transmissão do vírus nos espaços escolares, conseguimos desenvolver um trabalho em que as crianças participaram desde o início como protagonistas, realizando ações que foram do levantamento de dados sobre os brinquedos preferidos da comunidade à discussão sobre o que seria feito com o lucro. Esse projeto, realizado em três meses, resultou em muito envolvimento das crianças e dos pais, tendo a feira como concretização do trabalho e as crianças como agentes de seu processo de aprendizado.

Palavras-chave: Educação; Ensino Fundamental; Metodologias Ativas.

Abstract: This text is the result of a personal research as a teacher of a third-year elementary school class in 2021. The school in the municipality where I work has a partnership with SEBRAE, called Jovens Empreendedores, and has the objective to make children develop entrepreneurial attitudes. In view of the new discussions about active methodologies and the child as the center of the teaching and learning process, we report that, in this experience, even with all the sanitary measures we still had to prevent the transmission of the virus in school spaces, we managed to develop activities in which children participated from the scratch as protagonists, carrying out actions that ranged from collecting data on the community's favorite toys to discussing what would be done with the profit. This project, carried out over three

months, resulted in a lot of involvement from children and parents, with the fair as the culmination of the work and the children as agents in their learning process.

Keywords: Education; Elementary School; Active Methodologies.

Introdução.

Documentos norteadores da Educação, como a BNCC (2018), trazem, como proposta, o uso das tecnologias, o sujeito ativo no processo de aprendizagem e a interdisciplinaridade entre os componentes curriculares. Atrelar todas as expectativas à prática, normalmente, é uma tarefa que requer muito estudo e planejamento, pois quando passamos o protagonismo às crianças, estamos sujeitos a mais questionamentos. Dessa forma, o professor deve estar preparado para argumentar e buscar soluções para as questões feitas pelos alunos.

Apesar dos desafios, alguns autores (BEHRENS In: MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2013; JOLIBERT, 2006; BAKHTIN, 2003) demonstram o quanto precisamos criar, nas escolas, a cultura de um lugar pertencente a uma sociedade e, que precisa avançar e fazer uso social dos mecanismos que já dispomos fora das escolas, trazendo a língua viva, a dialogicidade e o conhecimento do mundo para dentro da escola.

Isso não quer dizer que precisamos criar aulas mirabolantes, cheia de artefatos tecnológicos, fazendo celular, *tablet* ou *notebooks*, mas, precisamos refletir sobre como a escola pode trazer os componentes curriculares à serviço de nossas vivências, conjugando o que aprendem com o que vivem ou, dependendo da realidade, podem viver. Por isso, a figura do professor como parceiro mais experiente e mediador (VYGOTSKY, 1995) do ensino é essencial para a condução de práticas significativas, pois as escolhas e filtros iniciais, passam pelo planejamento do professor.

Neste artigo, apresentamos um recorte de uma prática desenvolvida em uma sala de terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Marília, estado de São Paulo. Vale ressaltar que o ensino de tempo integral ofertado, portanto, notam-se especificidades, como as oficinas curriculares, que não se aplicam à rede parcial de ensino da mesma cidade. A prática que será, aqui, socializada se refere à oficina intitulada “SEBRAE: Jovens Empreendedores”. Nosso objetivo, com este breve recorte, é demonstrar uma possibilidade de trabalho que consiga envolver as crianças e a comunidade escolar atrelando os estudos à prática.

Como a condução deste trabalho ocorreu no ano de 2021, a seguir, será possível observar a utilização de máscaras, pela docente e pelas crianças, visto que este era um momento de retorno às atividades presenciais em meados de setembro e, ainda, estavam vigentes

protocolos de contenção para o coronavírus. Abaixo, contextualizamos sobre a dinâmica da escola no referido momento de retomada do ensino presencial e dos objetivos da oficina.

Retomada do ensino presencial.

No final de 2019, o mundo foi surpreendido pela notícia de um vírus de alta transmissibilidade, que estava assombrando a todos na China. De acordo com Lunardi (2021, p. 2)

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), em dezembro de 2019 o mundo foi alertado sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. No início de janeiro, as autoridades chinesas confirmaram que a causa seria um novo tipo de vírus, de uma família denominada de Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).

Apesar dos esforços de contenção, o popularmente conhecido covid-19, rapidamente se espalhou em outros países e continentes, dando início a uma pandemia.

Tivemos o primeiro caso confirmado no Brasil no início de fevereiro de 2020. Desde o decreto de distanciamento social (BRASIL, 2020), a nossa realidade enquanto sociedade mudou completamente, de forma que só os serviços essenciais continuaram operando: mercados, postos de combustível e unidades de saúde. Ainda assim, tivemos que aprender a tomar várias medidas sanitárias para evitarmos o contágio enquanto os estudos se intensificaram para entender o vírus, suas mutações e conseguirem produzir a vacina e todo o nosso deslocamento era apenas em caráter emergencial (Gandra, 2020; Queiroga, 2020; Vercelli, 2020).

Com este problema global, a escola precisou interromper o atendimento presencial e, até que conseguíssemos nos organizar para pensarmos em práticas possíveis para o ensino dentro dessa nova realidade, levou-se um tempo. Neste ano, eu, uma das autoras deste trabalho, iniciava meus estudos do doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação de Marília, era professora de quarto ano e, estava, em março, no penúltimo mês de gestação. Portanto, quando as ações no município foram sendo retomadas, eu estava em licença maternidade.

De início, pensamos que uma quarentena bastaria para conter a disseminação e voltarmos à nossa realidade, porém o período se estendeu por mais tempo. As aulas on-line foram estabelecidas em nosso município, por volta de setembro, quando, voluntariamente, os professores que queriam/sabiam fazer uso do *Google Meet*, ministravam as aulas. Antes disso, o contato se dava por meio do *WhatsApp*, de materiais impressos e por meio da plataforma *Google Classroom*, que passou a ser o principal meio de contato.

No ano de 2021, estive como professora do terceiro ano e, iniciamos o ano com atendimento presencial, porém, os pais tiveram opção de enviarem os filhos presencialmente e

continuarem recebendo auxílio por uma hora diária pela plataforma *Google Sala de Aula* ou *WhatsApp*. Como relatado acima, a escola é de ensino integral, dessa forma, a sala foi dividida, ficando metade dos alunos comigo (dez sujeitos) durante as manhãs e a outra metade, com outra professora à tarde. Assim, não exercemos um rodízio, todos os estudantes frequentavam a escola diariamente por três horas.

No retorno, todos os cuidados preventivos já apropriados pela sociedade durante o primeiro ano de pandemia foram incorporados pela escola: distanciamento social; quantidade menor de alunos em sala; menos tempo presencial de aulas; uso obrigatório de máscaras e utilização de álcool em gel. Assim, o ano foi iniciado com a presença de 6 alunos na escola e 4 alunos em atendimento *on-line*.

Cerca de um mês depois, houve um crescimento nas taxas de contaminados e o ensino remoto foi reestabelecido. Diferente do ano anterior em que os professores não eram compelidos a ministrar as aulas de maneira síncrona, neste ano, passou a ser obrigatório o uso do *Google Meet* por, pelo menos, três vezes na semana com uma duração de uma hora e meia. Há várias problemáticas desse período que não cabem neste artigo e, portanto, não serão aprofundados, aqui. Para esse momento, nos detemos a apenas compartilhar um panorama do percurso seguido até o início do projeto presencial.

Em setembro, com o avanço da vacinação da população de grupo de risco e dos professores, retornamos, com os mesmos cuidados, ao modelo presencial e os pais tiveram a opção, novamente, de retornar ou não com as atividades presenciais dos filhos. Nesse momento, todos os dez alunos compareceram à escola para atendimento presencial. Com isso, deu-se continuidade ao desenvolvimento dos componentes curriculares do ano em que estavam e, iniciamos o trabalho com a oficina dos Jovens Empreendedores, que será apresentada abaixo.

Em outubro, todos os alunos retornaram presencialmente e para o período da manhã. Sendo assim, desse momento em diante, todos os sujeitos finalizaram o projeto comigo, professora, mas já trabalhavam com a docente do outro turno já que o planejamento para as ações da oficina precisava coincidir.

Jovens empreendedores: objetivos do SEBRAE.

Com uma parceria firmada entre o município e o SEBRAE desde 2016, uma das escolas de ensino integral do município passou a desenvolver o Programa de Jovens Empreendedores. Apesar do nome e, de termos uma concepção de senso comum sobre empreender, ao iniciarmos a formação de professores para o trabalho com a oficina, deparamo-nos com materiais que

destacavam as crianças como protagonistas do processo, de modo a refletirem sobre questões que envolvem o cotidiano e que estavam alinhadas à BNCC, dentro da sala de aula.

Para Dolabela (2003, p. 29 In Rollemberg, 2021, p.54), empreender significa “modificar a realidade para dela obter a autorrealização e oferecer valores positivos para a coletividade. Significa formas de gerar e distribuir riquezas materiais e imateriais por meio de ideias, conhecimentos, teoria, artes, filosofia”.

Dessa forma, para a comunidade escolar, a concepção de empreendedorismo relacionado ao bem-estar da comunidade mostrava-se pertinente, assim concebemos que o ensino sobre esse tema

[...] não deve ser focado no “ter”, mas sim em uma forma de “ser”, pois está relacionado ao sonho de um indivíduo de transformar a sua realidade de maneira positiva, ajudando a sua comunidade a crescer. Se o empreendedor foca exclusivamente o enriquecimento pessoal e não gera valores positivos para a sociedade, está contribuindo para perpetuar a exclusão social. (ROLLEMBERG, 2021, p. 55).

Assim, reconheceu-se o alinhamento do curso à ótica do empreendedorismo, de colaborar para as crianças avaliarem a sua realidade, a realidade da escola e refletirem em pequenas ações (possíveis) para a mudança de parte dessa realidade, além de se atrelar com as habilidades e competências cobradas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para cada ano do ensino fundamental.

De acordo com o *site* do SEBRAE, o curso

Direcionado a alunos do ensino fundamental, [...], incentiva a quebra de paradigmas e o desenvolvimento de habilidades e comportamentos empreendedores.

A educação empreendedora proposta pelo Sebrae/SC incentiva os alunos a buscarem o autoconhecimento, novas aprendizagens e oportunidades, além do espírito de coletividade e também avaliarem as melhores possibilidades, tanto na vida pessoal como no mercado de trabalho. (SEBRAE, 2021).

Os cursos oferecidos para as escolas que se inscrevem vão do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental. Neste texto, focaremos na oficina do terceiro ano, mas, a título de conhecimento, segue, conforme site oficial, o nome das oficinas desenvolvidas durante todo o ciclo do ensino fundamental: 1º ano – Descobertas no jardim sensorial; 2º ano – Descobrindo alimentos e temperos naturais; 3º ano – Brinquedos ecológicos; 4º ano – Produções culturais criativas; 5º ano – Sabores e cores regionais; 6º ano – Soluções sustentáveis; 7º ano – Robótica empreendedora; 8º ano – Tecnologias digitais e soluções e; 9º ano – Geração empreendedora. (SEBRAE, n.p.)

Para que o curso possa ocorrer, primeiramente, formadores do SEBRAE, em parceria com o município, promovem uma oficina presencial, esclarecendo seus objetivos. Depois, os professores realizam um curso on-line e, após a certificação, podem atuar na formação com as crianças.

Em parte do curso, são apresentadas as correlações com a BNCC e todos os módulos que deverá percorrer com os alunos, tendo material para o trabalho de um semestre. O material propõe desde uma pesquisa inicial da oficina que será desenvolvida em cada ano até, ao final da apostila, a inauguração de uma loja para cada ano, cujo tema está especificado acima. Desta forma, os alunos têm contato primeiro com o tema que estudarão, para depois fazerem uma pesquisa de mercado sobre as preferências de seus pais/comunidade acerca do assunto, e, finalmente, definirão o que e por quanto tempo farão cada atividade.

Metodologia.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa-ação em que, a partir de minha prática como professora da sala e reflexões acerca dos objetivos a serem alcançados com as crianças

Thiollent (2000, p. 14) define a pesquisa-ação como

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Como dito anteriormente, com o retorno das atividades presenciais, iniciou-se o trabalho com a oficina de jovens empreendedores do terceiro ano. No primeiro capítulo, os alunos conhecem a oficina de brinquedos ecológicos, seus objetivos e são convidados a realizar uma pesquisa acerca das brincadeiras e brinquedos preferidos de seus conhecidos.

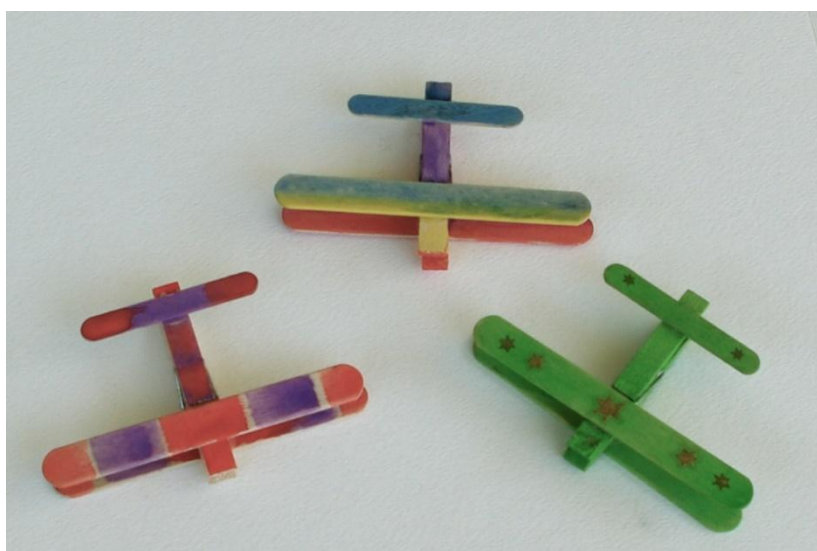
A partir da devolutiva dos familiares, discutiram-se, em sala, as similaridades nas respostas, gráficos foram elaborados e, com o encaminhamento da apostila, definiu-se o que seria interessante para a venda. Nas aulas do SEBRAE, era possível atrelar os conteúdos e habilidades que os alunos precisavam desenvolver no currículo comum, principalmente abordando a matemática. Como a maioria já conhecia o projeto de anos anteriores, tinham ciência da realização de uma feira ao final do ano para a comercialização dos produtos confeccionados.

Vale ressaltar que, na escola, havia duas turmas de terceiro ano e a proposta de inauguração da loja é uma só. Dessa forma, a produção de todos os materiais e a definição feita perpassava a decisão conjunta das duas turmas. O diálogo com a outra professora era frequente e as decisões sempre compartilhadas para o bem comum.

Os brinquedos a serem construídos foram definidos a partir de algumas propostas levadas para as turmas: bilboquê; sereia; pega bolinhas; avião; jogo de argolas e robô. Os principais materiais que precisaríamos para iniciar a confecção eram prendedores, garrafas pet, latas de leite em pó vazias, potes de bebida láctea e cartelas de ovo. Com isso, bilhetes eram enviados às famílias para ajudar na arrecadação de materiais. Lunardi (2021) ressalta, em seu artigo, sobre o grande envolvimento das famílias no período de pandemia e, como professora da turma durante esse período, o laço construído com as famílias propiciou muito engajamento quando precisamos da colaboração.

O primeiro brinquedo produzido foi atribuído como tarefa de casa e os pais relataram a motivação e engajamento das crianças. Fora-lhes proposta a produção de um avião com a utilização de prendedor de roupas.

Foto 1 – Avião com prendedor de roupas – inspiração.



Fonte: Blog Moda Infantil – Brandili (net)

A devolutiva foi muito significativa. Todos os alunos fizeram a atividade, inclusive, alguns trouxeram mais de um e outros aperfeiçoaram a proposta. Só não foi pedido que realizassem a pintura, caso não tivessem em casa, mas, como dito, a participação das crianças e da família era grande, então, esses brinquedos chegaram à escola já finalizados. Este acabou sendo o mascote e a marca de nossa loja, tendo visto o envolvimento e o fato de ter sido o primeiro brinquedo elaborado.

Em seguida, outros brinquedos foram produzidos durante as aulas de Arte, atreladas à oficina dos Jovens Empreendedores. Para o bilboquê, utilizou-se o modelo de bilboquê de sapo. As crianças riscaram o seu próprio molde de E.V.A., cortaram e desenharam seguindo minhas

orientações, bem como, realizaram a colagem na garrafa pet. Cada aluno foi responsável pela confecção de um desses brinquedos.

Em seguida, foram feitas sereias a partir de cartelas de ovo. Nossa ideia inicial era realizar móveis, mas, sem muito conhecimento acerca dos materiais necessários e, partindo da premissa de permitir que as crianças fizessem todo o material que seria exposto, optou-se por fazer com palito de churrasco a estrutura da cauda da sereia. Compreendemos que a utilização da agulha e outros materiais sem o devido e constante acompanhamento poderia trazer danos às crianças e à proposta de móveis. Assim, as crianças ajudaram a cortar as cartelas de ovo, separando cada quadrado para a formação da cauda da sereia, pintaram um desenho impresso e realizaram a colagem de todo o processo de corpo para formar a sereia. Infelizmente, não foi realizado o registro visual das produções dos alunos que elaborou em torno de três sereias. Compartilhamos, a seguir, uma imagem apenas de nossa inspiração para ilustrar a atividade.

Foto 2 – Sereias feitas com cartelas de ovos.



Fonte: Pinterest (net)

Num terceiro momento, foram construídos os robôs com latas de leite e os potes de bebida láctea para incrementar. Foi um dos brinquedos mais trabalhosos e que demandou mais tempo em sua produção, tendo em vista que a lata não adere fácil à cola. Todavia, foi um dos brinquedos que as crianças mais gostaram de fazer. Para fazer os olhos, o nariz, a boca e a decoração do peito do robô, cada aluno riscou e cortou o seu próprio molde, produzindo uma unidade do brinquedo. A colagem, também, foi feita pelos alunos. Segue, abaixo, a foto de nossa inspiração.

Foto 3 – Inspiração para confecção de robô.



Fonte: Artesanato Passo a Passo (net)

Em seguida, fizemos o brinquedo denominado pega bolinhas que, também, foi sucesso em vendas e na própria sala, quando as crianças realizavam a testagem para a crítica dos brinquedos. O jogo, que precisa de garrafas e bolinhas de gude, objetiva acertar a bolinha de gude dentro da garrafa. Para esse brinquedo, contamos com a colaboração de todos no envio das bolinhas de gude, inclusive com alunos que cederam coleções próprias de forma a apresentar sua contribuição aos colegas e à confecção do jogo. Abaixo, segue imagem de a nossa inspiração.

Foto 4 – Inspiração para criação do Pega-bolinhas.



Fonte: Acrilex (net)

Por fim, foi realizada a confecção do jogo de argolas. Para isso, muitas garrafas pet caçulinhas foram arrecadadas já que, cada jogo, precisava de dez unidades. A pontuação foi demarcada por meio das cores das garrafinhas e, nesse jogo, especificamente, atrelamos as habilidades de língua portuguesa para a elaboração de um manual de instruções de como jogar. Assim, a produção compartilhada teve um significado e sentido real para as crianças, pois havia um destinatário para suas mensagens (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Segue, adiante, a foto das crianças no processo de produção do jogo de argolas.

Foto 5 – Produzindo jogo de argolas



Fonte: as autoras.

Foto 6 – Produção do jogo de argolas



Fonte: as autoras.

Este, também, foi um processo demorado, pois, para que a tinta tivesse boa aderência ao plástico, tivemos que incluir cola na mistura e dar várias demãos, utilizando a mistura entre cores primárias para formar as secundárias e algumas terciárias. Além disso, foram cortadas tiras de garrafa pet e encapadas para fazer as argolas. Cada criança ficou responsável, em média, por 5 garrafinhas. Esta produção gerou bastante envolvimento, também, porque amavam utilizar a tinta guache e o pincel em sala. Finalizamos as confecções dos brinquedos com os jogos de argolas e, posteriormente, passamos à parte de embalagem dos materiais, inserção das etiquetas com os preços e o nome escolhido para a loja.

Para a definição do nome da loja, surgiram várias sugestões, como Brinquedos ecológicos; Brinquedos divertidos; Brinquedos dos terceiros; porém, houve a sugestão campeã de votos que foi Ecobrinq. Com esta sugestão que partiu das crianças e, por votação entre as turmas de terceiro ano, elegemos esse nome à loja.

Em seguida, passamos para a discussão dos valores a serem atribuídos aos produtos. A produção totalizava 188 brinquedos, porém, como em nossa feira os valores cobrados dos produtos são abaixo dos R\$5,00 e como os materiais eram recicláveis, foram cogitados alguns valores de forma a termos lucro para cobrir os gastos com a cola e outros materiais. O valor máximo estipulado foi de R\$5,00 para o jogo de argolas, que demandou mais materiais e tempo.

Após esse passo, de acordo com o material, foi o momento de separarmos as atribuições de cada um dos alunos no dia da feira: quem ficaria no caixa, no atendimento, abordando os visitantes para conhecer nossa loja. Foi feita uma escala, dividindo as funções de acordo com a compatibilidade de perfil e habilidades, inclusive os alunos que ainda não estavam alfabetizados participaram ativamente, principalmente no atendimento, surpreendendo pela desenvoltura.

O dia de nossa inauguração se aproximava, os convites, confeccionado pelos alunos, já haviam sido enviados aos pais faltando a comunicação com a comunidade. Assim, os alunos foram divididos em 4 grupos com 5 membros, de modo que cada grupo tivesse um parceiro mais experiente na alfabetização, nas habilidades artísticas e nas ideias. Discutimos acerca das informações necessárias para a elaboração de um cartaz. A partir daí, os grupos lançaram-se à confecção dos cartazes, sob atendimento das professoras. Mediante autorização dos pais, os alunos e as professoras deixaram o ambiente escolar em visita a alguns comércios do bairro, como: padaria, UBS, supermercado, para afixação dos cartazes. Abaixo, compartilhamos alguns registros desse momento:

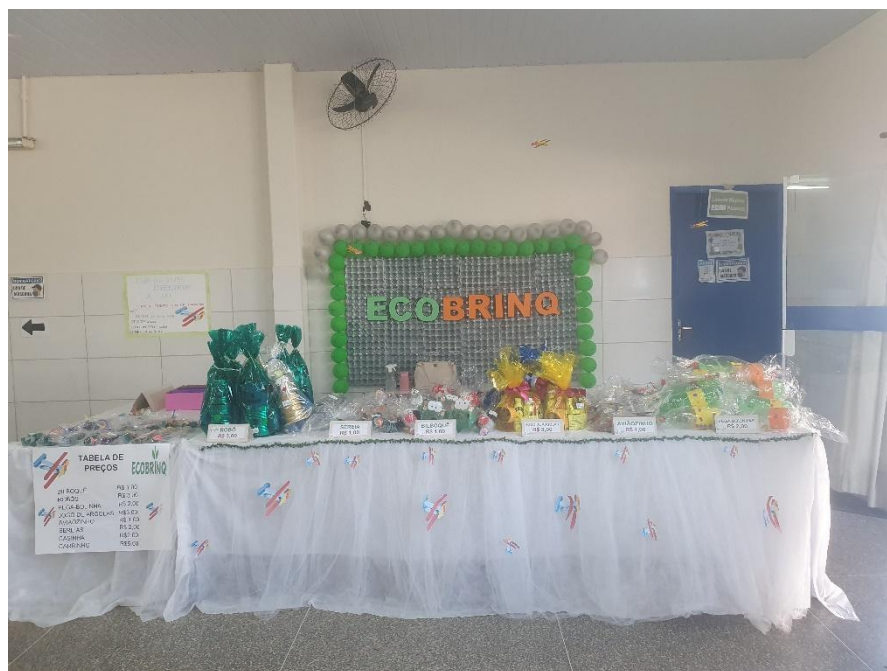
Foto 7 – Divulgação da feira em comércios do bairro



Fonte: as autoras.

Com grande ansiedade, na véspera de nossa feira e terminando o painel para a exposição, observou-se o envolvimento dos alunos, riscando as letras e cortando os moldes. O fundo, também, foi feito com cartelas de ovos e spray prateado. Foram feitos suportes para a disposição do preço em frente aos produtos e a projeção das etiquetas. Nossa loja foi inaugurada e estava exposta no início da Feira da seguinte forma:

Foto 8 – O grande dia: inauguração da Ecobrinq



Fonte: as autoras.

Podemos afirmar que a feira foi um evento de grande sucesso. Os pais participaram ativamente comprando os produtos, questionando as crianças sobre o processo de confecção dos brinquedos, o valor que estavam dando em dinheiro e o quanto deveriam receber de troco. Vale ressaltar que pedimos aos pais que levassem o dinheiro em espécie, para que as crianças pudessem manusear e resolver situações do cotidiano, lidando com uma das habilidades do ano que envolve o uso do sistema monetário em situações de compra e venda. Assim, as professoras responsáveis pelos terceiros anos se revezavam entre auxiliar os alunos no atendimento e no momento de troco das compras.

Após a feira, foi realizado o fechamento, com a contabilização da sobra de brinquedos (apenas 3) para ciência das vendas realizadas. Contabilizamos o valor que deveríamos ter arrecadado a partir das vendas, para ver se realmente souberam lidar com as situações de compra e venda de maneira correta. Além disso, fizemos um balanço de possíveis itens a serem melhorados, agregando a opinião e crítica das crianças, como ilustra a imagem abaixo, sobre a confecção do robô, pois, no momento de venda, alguns estavam descolando e precisaram passar por manutenção.

Foto 9 – Reflexão sobre a feira e a inauguração de nossa loja.



Fonte: as autoras.

Após essa conversa, as crianças apresentaram a decisão de fazer uma festa de confraternização de final de ano letivo com os lucros obtidos. Dessa forma, opinaram sobre o que gostariam que tivesse na festa e, com os orçamentos, cogitávamos possibilidades de compra. Assim, foram adquiridos salgados, bolo e brigadeiro e, ainda, contou-se com a

contribuição de pais no envio de itens extras. Com a sobra de R\$1,20 para cada aluno, o valor foi entregue a cada um no dia da festa, após a prestação de contas realizada pela professora.

Foto 10 – Confraternização do terceiro ano.



Fonte: as autoras.

Resultados

O desenvolvimento de toda a oficina foi muito trabalhoso, mas também muito prazeroso dada a atmosfera engajadora que foi criada. Como dito anteriormente e comprovado pelas imagens, o processo todo gerou grande envolvimento dos alunos e dos pais, que participaram ativamente de todos os passos.

Ao (re)pensar a prática como professora, tanto mais em período pós pandêmico, não podemos desconsiderar tudo o que o distanciamento nos ensinou. A prática, a partir de alguns estudos feitos, alicerçada principalmente nas metodologias ativas (MORAN, 2015) e no retorno às leituras sobre o desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 1995) foi alterada, não tanto quanto gostaríamos, mas muito além do que se havia sido feito até então. As crianças passaram a tomar as decisões conjuntas dos caminhos que seguiríamos e, destacou-se a mediação docente, ao atrelar o interesse delas com o conteúdo que deveria ser ensinado.

Isso não quer dizer que o ano foi finalizado da maneira ideal, sendo este, assunto para outro artigo. Todavia, podemos afirmar que os alunos que acompanharam as aulas *on-line* desde o início do ano, alcançaram sucesso no processo de alfabetização, porém, os que acompanharam somente os últimos três meses de maneira presencial, tiveram avanços no nível de escrita e nos conhecimentos matemáticos e sociais, não finalizando o ano em nível alfabético, contudo,

tiveram momentos em que se colocavam e tinham a sua opinião respeitada e considerada pelos demais, sendo parte integrante do grupo.

Conclusão

A partir de todo o exposto e das vivências no período desta oficina, pudemos constatar o quanto o envolvimento das crianças tornou a aprendizagem significativa. O trabalho que, inicialmente, dependia apenas dos encaminhamentos dentro de sala de aula, tomou proporções maiores e contou com a colaboração da família, tanto no envio de materiais quanto na participação da feira.

Diante disso, observamos que, quando a criança se torna o centro do processo de aprendizagem e as propostas criam conexões com o mundo real, tendo sentido para a realização, os resultados obtidos extrapolam os muros da escola e desenvolvem tanto as competências e habilidades propostas pelos currículos nacionais, quanto competências socioemocionais, tão importantes de serem promovidas, também, na escola.

Referências.

- BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013.
- BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a Substituição das Aulas Presenciais por Aulas em Meios Digitais Enquanto Durar a Situação de Pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Ministério da Educação, 2020. Disponível em: . Acesso em: 03 jun. 2020.
- DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003
- GANDRA, Alana. **Empresas Adotam Home-Office por Conta do Coronavírus**. Rio de Janeiro: Agência Brasil, mar. 2020. Disponível em: . Acesso em: 14 jul. 2020.
- JOLIBERT, J. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LUNARDI, N.M.S.S. *et al*; Aulas remotas durante a pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, e106662, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/GnhccHnG4mxDNdSQKDQ7ZBt/#ModalDownloads> Acesso em 09 set 2023.
- MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. **Coleção Mídias Contemporâneas**. 2015 Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf Acesso em 10 set 2023.
- QUEIROGA, Fabiana. **Orientações para o Home Office Durante a Pandemia da Covid-19**. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- ROLLEMBERG, G. **Temas sociais e educacionais contemporâneos**. Curitiba: IESDE, 2021.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SEBRAE. Educação empreendedora. **SEBRAE**, 2021. Disponível em: [https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/sebraeaz/educacao-empreeendedora,2441c681608f7510VgnVCM1000004c00210aRCRD#:~:text=Jovens%20Empreendedores%20Primeiros%20Passos%20\(JEPP\)&text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20empreeendedora%20proposta%20pelo,como%20no%20mercado%20de%20trabalho](https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/sebraeaz/educacao-empreeendedora,2441c681608f7510VgnVCM1000004c00210aRCRD#:~:text=Jovens%20Empreendedores%20Primeiros%20Passos%20(JEPP)&text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20empreeendedora%20proposta%20pelo,como%20no%20mercado%20de%20trabalho). Acesso em 09 set 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. Aulas Remotas em Tempos de COVID-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60, maio/ago. 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escojidas**, vol. III, Madri: Visor, 1995.